



O irredutível mosaico transmontano

Património regional esteve em destaque no Encontro Nacional dos TOC, em Vila Flor

O modelo meteorológico de um canal francês previa um verão atípico em termos das temperaturas normais para a época estival, mas o que é facto é que o primeiro fim de semana de julho não podia ter sido mais tórrido, de norte a sul do país. O nordeste do país não escapou à vaga de calor. Um calor de ananases, segundo a linguagem imortalizada por Eça de Queiroz. Mas não foi a temperatura, nem sequer a distância em relação aos grandes centros, que demoveu cerca de cinco centenas de pessoas a participarem no XI Encontro Nacional dos TOC, que se realizou no passado dia 6 de julho, em Vila Flor, no distrito de Bragança. A comissão de profissionais da zona, presidida por José Prodêncio, arregaçou as mangas e meteu mãos à obra para promover o encontro anual dos profissionais da contabilidade e da fiscalidade. Em dia de verdadeira canícula transmontana, o local não podia ser o mais indicado. O parque de campismo de Vila Flor, que alberga igualmente o complexo de piscinas e a barragem do Peneireiro. Apesar estarmos no interior, água era um elemento que não se podia dizer que estivesse em falta. Longe disso. Sombras também não. Os pinheiros junto ao parque de merendas foram providenciais para que os participantes se abrigassem do sol inclemente logo às primeiras horas da manhã. Pouco passava das nove horas quando começou o desfile do mosaico de usos e costumes, manifesto nas dimensões gastronó-

micas, musicais e culturais de Trás-os-Montes. Os estômagos, alguns ainda carecidos de pequeno-almoço, reclamavam conforto para enfrentar a longa jornada de convívio. Dezenas de pães de ló passavam a alto velocidade rumo às mesas do parque de merendas. Para os mais resistentes, o vinho generoso foi o aperitivo matinal. No palco instalado em frente à tenda onde decorreu o almoço, os incontornáveis Pauliteiros de Miranda estiveram quase duas horas a atuar. Apresentaram-se, dialogaram com o público e, naturalmente, interpretaram as composições no seu património mais valioso: o mirandês, um idioma que tem o estatuto de segunda língua nacional, reconhecida oficialmente e assim protegida, estimando-se que seja falada por cerca de 15 mil pessoas.

O esplendor da verdade

Como sempre acontece, a cerimónia litúrgica de evocação dos membros falecidos não podia faltar.

Quem abandonou a sombra do parque de campismo, fez-se à estrada para uns curtos cinco quilómetros até ao Santuário de Nossa Senhora da Assunção, em Vilas Boas. Considerado o maior local de culto mariano de Trás-os-Montes. Depois de desligar o motor do carro, foi a vez de desafiar um escadório que parecia eterno até chegar ao cabeço. Os ofegantes «peregrinos» que alcançaram a igreja foram contemplados com uma paisagem de cortar a respiração. Uma panorâmica de 360 graus, avistando o Douro, terras espanholas e os primeiros focos de incêndio que o caloroso sábado começava a provocar.

Fé, esperança, caridade e gratidão. As mensagens com que os «peregrinos» se depararam junto ao templo religioso. Um espaço exíguo – não cabia nem mais um alfinete – para a celebração religiosa que ficou a cargo do Padre Delfim Gomes. O coro da Cruz Vermelha de Mirandela deu o tom musical a





uma homilia plena de significado e atualidade. Com recados e apelos a reflexão para todos, governantes incluídos.

«Permanecer no esplendor da verdade», foi o fio condutor das palavras do pároco, que procurou desmistificar a ideia que a Bíblia é um documento do passado: «É preciso descodificá-la e interpretá-la para os momentos em que vivemos». De seguida, o pároco dirigiu-se aos profissionais: «Quero agradecer a forma como dão o melhor no exercício da vossa profissão. Os TOC podem dar um contributo muito grande para uma sociedade melhor. É preciso, em vez de uma economia que marginaliza, enveredar por uma economia de comunhão, união e partilha. Valorizemos a humanidade, paremos de massacrá-la, como está a acontecer», disse. Depois de um apelo a uma sociedade «mais fraterna, mais solidária e mais justa», o Padre Gomes deixou um repto a todos os profissionais: «Passa por vós as grandes decisões em prol de uma economia solidária». Uma

mensagem que calou fundo nos profissionais. A missa terminou ao bater do meio dia. Como a descer todos os santos ajudam, os degraus revelaram-se menos penosos. Foi o regresso à informalidade de um «convívio sadio», como descreveu o padre de Vilas Boas.

Enquanto se davam os últimos retoques nas mesas instaladas na tenda, a tuna feminina do Instituto Politécnico de Bragança aconchegava, com irreverência e juventude, os estômagos mais desesperados. O agrupamento musical viajou desfalcado até à pitoresca Vila Flor porque alguns dos seus elementos ficaram a estudar para os exames. Um dos membros já é TOC de pleno direito, enquanto outras perseguem o sonho de completarem a sua formação nesta área. Alto e para a música! O repasto esperava os participantes.

A alma profissional

Os aromas pressagiavam a proximidade de sabores das incomparáveis igua-

rias transmontanas, como não podia deixar de ser. Alheira, chouriço assado, queijo e fumeiros regionais foram o primeiro aperitivo, seguindo-se como pratos principais um bacalhau abafado e cabrito assado. Uma avaria momentânea num dos sistemas de refrigeração instalados, tornou mais penoso resistir ao pico do calor. Não houve outra solução que não fosse recorrer a leques improvisados, a muita fruta fresca e, como convém quando o calor aperta, a muita cerveja. Aliás, a fila para a secção das bebidas chegou a ser de largos metros tal era a desidratação.

As forças políticas da região estiveram em peso no convívio anual dos profissionais da contabilidade e da fiscalidade. O anfitrião, Artur Pimentel, presidente da Câmara Municipal de Vila Flor, António Branco, presidente da Câmara Municipal de Mirandela, Artur Nunes, presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro e Hernâni Dias, vereador do desporto da Câmara

Domingues de Azevedo



Artur Pimentel



José Prodêncio





Municipal de Bragança, que esteve em representação do edil brigantino, não faltaram ao convívio.

No período dedicado às intervenções institucionais o primeiro a usar da palavra foi José Prodêncio que agradeceu na pessoa do Bastonário a confiança depositada na comissão organizadora do evento, bem como à câmara local pela cedência das instalações: «Este é um momento histórico e de projeção para os TOC do distrito e para Vila Flor».

Artur Pimentel, presidente da edilidade anfitriã, não escondeu o seu contentamento por acolher o convívio anual dos TOC no parque de campismo da vila, local que considerou um *ex-libris* da zona e um «paraíso», devido à sua envolvência natural que inclui, entre outras atrações, a barragem do Peineiro e um complexo de piscinas. Mas se no «paraíso» as temperaturas era infernais, a roçar os 40 graus, o calor humano não ficava aquém. Isso

mesmo fez questão de destacar José Prodêncio, o presidente da comissão organizadora, que liderou uma equipa constituída ainda por Acácio Gonçalves, António Batista, Carlos Fernandes, Manuel Tomé, Manuela Prudêncio, Maria João e Vítor Lopes.

O último orador foi o Bastonário da OTOC que louvou o «incansável esforço» dos elementos da comissão organizadora por terem conseguido «envolver todo do distrito» na materialização do evento.

Contra algumas opiniões que achavam «arriscada» a aposta em Vila Flor, o Bastonário afirmou que a massiva presença de profissionais, provenientes de todo o país e a qualidade da organização vieram demonstrar o contrário. «A alma da profissão constrói-se com estes pequenos sacrifícios. A capacidade de dinâmica e intervenção também se veem nestes momentos», referiu Domingues de Azevedo. O dia era de confraternização, mas nem por isso os

problemas foram colocados de parte. O Bastonário abordou um eventual adiamento da entrega da IES, o papel dos profissionais no esforço tributário, sem esquecer as «trapalhadas» e «indefinições» do Portugal político. «Quando a desordem começa pelo topo regista-se um impacto transversal no resto das leis», declarou.

O convívio estava a chegar ao fim. A meio da tarde, e com a barriga cheia, só se estava bem debaixo dos pinheiros. Em frente ao palco, a escutar o grupo tradicional de Vila Flor e a frenética tuna masculina do Instituto Politécnico de Bragança.

Para o ano haverá mais. Num qualquer ponto geográfico do país. «Onde houver profissionais, mesmo nos sítios mais recônditos, nós estaremos em manifestações de solidariedade», prometeu o Bastonário. ✂



Fotos e vídeo disponíveis no Flickr e no Canal OTOC

Há «ouro» no Nordeste

O Encontro dos TOC tem por tradição oferecer pequenas lembranças alusivas aos locais escolhidos para a sua organização. Em Trás-os-Montes o produto de excelência selecionado para entregar no ato de credenciação foi o azeite virgem extra. Produzido em Alfândega da Fé, na Casa Aragão, uma garrafa de ouro líquido, com partículas de ouro *gourmet*. Para saborear em qualquer prato, recor-

dando o encontro dos profissionais. Dos *souvenirs* ofertados, constava ainda um porta-chaves de amêndoa incrustada em resina cristal com o logotipo da Ordem. O Bastonário recebeu ainda da comissão organizadora uma lembrança da autoria de Henrique Crisóstomo, o artesão de Vila Flor a quem coube a idealização e conceção dos porta-chaves.